

ACM diz que Collor deve ter menos poder e ministério novo

Artur Pereira e
Mário Rosa

BRASÍLIA — O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães (PFL), acredita que o governo perdeu a credibilidade e só conseguirá recompor uma base mínima de apoio se o presidente Fernando Collor abrir mão de parte de seu poder e realizar uma ampla reforma ministerial. De acordo com Antônio Carlos, que considera sua equipe de secretários na Bahia "mais preparada que esse ministério que está aí", a resistência de Collor em promover mudanças no primeiro escalão acabará sendo vencida pelo agravamento da crise econômica. No momento em que o governo é abalado por uma série de denúncias sobre irregularidades em concorrências públicas, o governador considera que o maior problema a ser atacado hoje no país é a questão da moralidade administrativa.

"O governo perdeu a credibilidade e para ser ajudado o presidente terá de melhorar a equipe, terá de perder parte de seu poder", afirmou Antônio Carlos na noite de terça-feira, ao longo de um jantar com jornalistas em Brasília. "A evolução da crise vai levar o presidente a fazer uma melhor escolha de sua equipe, não apenas de ministros, como também de segundo e terceiro escalão", acrescentou. Sempre fazendo questão de ressaltar que se considera um amigo de Collor, o governador se mostrou incrédulo com a possibilidade de que a inflação venha realmente a cair nos próximos meses, mas elogiou a conduta do embaixador

Marcílio Marques Moreira à frente do ministério da Economia.

"O Marcílio acabou com o clima de bate-boca na área econômica. Antes, com o pessoal da Zélia, a ministra batia boca com jornalistas, com empresários, com os outros ministros. Hoje, há um clima de maior tranquilidade", ressaltou. Antônio Carlos evitou críticas diretas à pessoa do presidente e disse que a única coisa que defende é que Collor cumpra o discurso de campanha, repetido no pronunciamento que fez no dia de sua posse, no Palácio do Planalto. "Eu não estou decepcionado só com o governo. Eu estou decepcionado com o país", disse o governador.

Brizola e Quêrcia — Na parte política da conversa, ACM voltou a recriar a aproximação entre Collor e o governador do Rio, Leonel Brizola (PDT). "Esse é o tipo do relacionamento em que um está enganando o outro e como o Brizola tem mais tarimba, acho que vai acabar enganando mais", comentou. ACM disse com tentativa de fazer um entendimento nacional Collor possibilitou a fortalecimento de um dos principais adversários do Planalto, o ex-governador Orestes Quêrcia, presidente do PMDB. "O Quêrcia estava baleado e, depois de se encontrar com o presidente, já saiu de pé e andando", comparou.

Ao longo do jantar, ACM disse que só se encontrou uma vez com o empresário Paulo César Farias ("ele tem cara e jeito de seminarista"), o PC, responsável pela caixa da campanha presidencial de Collor. Apesar da aparente indiferença em relação a PC, o governador da Bahia reconheceu a influência dele no governo, pelo menos nos primeiros meses.

ACM contou que um dos problemas de Collor é a resistência em demitir auxiliares. Há alguns meses, ele se encontrou com o presidente e defendeu a demissão de pelo menos dois ministros, como forma de fortalecer politicamente o governo. Collor argumentou que precisava de algum tempo. "Eu saio sempre bem com as pessoas que eu demito", disse Collor, segundo o relato de ACM. Para o governador, o maior problema de Collor, hoje, é gerencial. Ele não se cansa de repetir que considera o governo federal "incompetente". Para ilustrar o que dizia, citou um caso ocorrido na tarde de segunda-feira passada.

Há três semanas, ACM assinou uma série de convênios com o Ministério da Educação e como não havia recebido nenhum centavo, resolveu telefonar para o chefe de gabinete do ministro José Goldemberg. Foi informado, então, de que os recursos não haviam sido liberados porque o governo da Bahia não prestara contas de algumas verbas liberadas anteriormente. Irritado, ACM telefonou para sua secretária de Educação, Dirlene Mendonça. "Isso é caso de demissão", esbravejou, ao cobrar providências de sua auxiliar.

Minutos depois, a secretária telefonou, aos prantos, informando que não havia nada de errado com as contas estaduais. ACM telefonou novamente para o Ministério da Educação e expôs o que se passara com sua secretária. Para sua surpresa, o chefe de gabinete de Goldemberg confessou que havia cometido um equívoco na primeira conversa. "Às vezes, o governo cria problemas políticos por pura incompetência administrativa", concluiu ACM.